

"MISS MULATA": UM NOVO SIGNO DE BELEZA CONTRA O RACISMO DA BRANQUITUDE

BEATRIZ FLOÔR QUADRADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

RESUMO: O presente artigo tem como temática um concurso intitulado *Miss Mulata* com origem na cidade de Arroio Grande (RS) em 1969. Neste trabalho a discussão tem por base as questões referentes a denominação do concurso, tendo em vista a representação sobre a mulata em nossa sociedade. O objetivo do concurso é a valorização da mulher negra, com isso, busca-se pensar nos concursos de beleza e seus padrões brancos enquanto representação do belo. A pesquisa enfatiza a possibilidade de ressignificar e o poder de autodenominar-se, ou seja, um sentido próprio do ser mulata. A principal metodologia é a história Oral, visando a valorização de trajetórias de quem participou do *Miss Mulata*.

PALAVRAS-CHAVE: Mulata; Branquitude; Racismo.

203

ABSTRACT: This article is subject a contest called *Miss Mulata* originated in the city of Arroio Grande (RS) in 1969. In this paper the discussion is based on the questions concerning the name of the competition, with a view to representation on mulata in our society. The aim of the competition is the appreciation of the black woman, with that, we try to think of beauty contests and their white patterns as a representation of beauty. The research emphasizes the possibility of new meaning and the power to call itself, that is, its own sense of being mulata. The main methodology is the Oral history, aimed at valorising trajectories of those who participated in the *Miss Mulata*.

KEYWORDS: Mulata; Whiteness; Racism.

Antônio Carlos da Conceição, conhecido como Dé, é o fundador do *Miss Mulata*, um concurso de beleza negra no Rio Grande do Sul. Ele nasceu em 1948 na cidade de Arroio Grande, onde vive até os dias de hoje. Seu pai, Crivelandi Soares da Conceição, que era branco, trabalhou em um depósito de bebidas, e sua mãe, Adelcia Lúcio da Conceição, que era negra, foi funcionária pública. Segundo Dé, a família de seu pai não aceitava o namoro, afirma que "a família não aceitava porque ela era preta". Mas, mesmo assim, eles se casaram. O Dé é originário de mistura racial, é um mestiço, ele se autodenomina negro, mas misturado: "Olha, eu não me arrependo de ter nascido negro. Porque eu sou negro. Eu não sou puro né, porque só a cor que é preta" (Antônio Carlos da Conceição).

(...) "cor" tal como usamos no dia a dia, é um atributo de grupo social, ou seja, que a classificação de alguém como 'negro', 'preto', 'branco' ou "pardo" não é algo objetivo, independentemente dos sujeitos e das relações em que estão envolvidos; que classificá-lo numa categoria de cor equivale a incluí-lo em grupos que partilham certas características imaginadas¹.

A palavra *negro* foi por muito tempo racializada. "A posituação da categoria 'negro' marcou profundamente a sociedade brasileira a partir dos anos de 1980, de tal forma que o significado contemporâneo foi eventualmente naturalizado"². Voltando à fala do Dé, percebe-se que ele se autodefine negro, apesar de não ser "puro", ou seja, um mestiço ou mulato que enfatiza sua identidade negra no símbolo da cor.

Ao perguntar sobre a utilização do termo *Mulata*, o Dé responde: "a *Miss Mulata* era uma mistura de negro com branco que hoje em dia tu vê que nós estamos em um país que branco puro não tem, negro puro não tem!"

O que me inquietou, e se faz como problemática deste trabalho é a terminologia utilizada para caracterizar o concurso. Primeiramente, uma ideia de *mistura* de raças, e ao mesmo tempo a questão do concurso como a valorização da beleza negra. Ou seja, em meio a tantas ambiguidades, e aparentes contradições, deve-se pensar sobre a escolha desse grupo para a construção do certame com a terminologia mulata, levando em conta as suas próprias definições sobre o ser negra ou mulata.

Faz-se necessário o respeito às colocações dos entrevistados e do grupo em questão, que compõem a história do *Miss Mulata*. Então, algumas colocações e conclusões não servirão, ou não representarão a opinião de outros grupos negros no que tange à terminologia *mulata* e a concursos de beleza.

¹ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 42.

² WEIMER, Rodrigo. *Ser "moreno", ser "negro": memórias de experiência de racialização no litoral norte do Rio Grande do Sul no século XX*. Est. Hist., Rio de Janeiro, v. 26, nº 52, p. 409-428, julho-dezembro de 2013, p. 410.

É relevante para esta pesquisa dizer que a historiadora se identifica como branca, fazendo parte do padrão físico reconhecido pela branquitude. E que por meio de estudos e pelas entrevistas realizadas para este trabalho reconhece sua posição privilegiada nas relações raciais, fazendo, assim, parte de uma identificação antirracista. Essa pertença ao grupo branco, em alguns momentos, desfavorece enquanto pesquisadora, pois interfere na leitura, e, principalmente, nas próprias entrevistas. Mas é nessa diferença que a pesquisa torna-se relevante, ou seja, perante o reconhecimento dessas realidades antagônicas enquanto raça e cor.

O concurso *Miss Mulata*

Os concursos de beleza constroem uma imagem do belo, instituem valores, comportamentos. É nesse âmbito de aparências e visualizações sociais por meio de concursos que o *Miss Mulata* também vai se constituir, perante um grupo que visava às mesmas aspirações: visualidade e valorização.

Somente numa sociedade em que a aparência tornou-se estratégia social de poder que toda a atenção, mística e *glamour* que envolviam os concursos locais e internacionais, para a eleição de uma beleza representativa de um país, de uma cidade, de um clube ou de um evento qualquer, se tornaram justificáveis³.

205

Nesse caso mais específico, devido às construções representativas sobre o corpo e estética da mulher negra ou mulata, sobretudo, moral e sexual⁴. Por isso, a importância desses concursos para a autoestima, sempre ligados à beleza, “as principais estratégias de elevação da autoestima do negro são os cuidados com a beleza e as histórias de sucesso pessoal”⁵.

No Brasil, a estética é associada a padrões de beleza branca, uma superioridade estética denominada *branquitude*. O corpo negro como um ícone de feiura, primitivismo, agressividade e descontrole faz parte de um complexo processo histórico, em uma racialização do gênero para administrar o corpo da

³ SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Concurso de beleza: discursos e sujeitos*. III Colóquio Nacional de Moda. Proposta de Comunicação ao GT: “História e produção de discursos de moda” Udesc, Brasil (?), p. 3.

⁴ GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro*. O Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, Iuperj, 2006.

⁵ OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. *Adolescentes Negras: relações raciais, discurso e mídia impressa feminina na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 31.

mulher branca e conter o da mulher negra. Fixando as dicotomias pureza/impureza; limpeza/sujeira; contágio/purificação; ordem/desordem⁶.

No século XIX padrão de beleza foi associado ao higienismo, que, por sua vez, significou clarear. "Havia conselhos que sugeriam a proximidade entre sujeira, doença e pele escura"⁷, chamadas de *pele encardida*, e estas precisavam ser regeneradas. Com isso, surge cosméticos com promessas de clareamento da pele e alisamento dos cabelos, uma forma violenta de resistir à discriminação. "Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo – sobretudo o feminino"⁸.

A população negra é dividida em negra (preta) e mulata (visualmente menos negra), e essas belezas são racializadas, sendo a mulata, devido à mistura, um sinal de beleza. Mas uma estética de lugares reservados, em especial para o samba e carnaval. Um estereótipo que concursos negros tentam quebrar. E o *Miss Mulata*, especificamente, levando em conta o seu período histórico, tenta converter símbolos negros ou mulatos de feiura para o belo.

A representatividade positiva é essencial para a construção de uma identidade, o que se percebe silenciado no Brasil, principalmente no que tange à mídia. "Esta incorpora a chamada 'branquitude normativa', ou seja, 'a consideração do branco como representante legítimo da espécie humana'"⁹.

Pode-se afirmar que "a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada"¹⁰, mas uma estratégia de substituição de modelos, de identidades.

Arroio Grande é marcado em sua história com uma variedade de concursos de beleza como *A mais Bela Comerciária*; *A Mais Bela Estudante*; *Senhorita Arroio Grande*; *Rainha do Arroz*, entre outros. Analisando fontes de jornais, é raro encontrar candidatas negras nesses concursos. As mulheres negras em Arroio Grande têm espaço em concursos de carnaval, e os realizados pela associação negra "Clube Guarani"¹¹, como exemplo, *Garota Axé* e o *Mais Bela Negra*. Devido a essa realidade em que são criados concursos de beleza específicos à raça negra, e eles são diversos no Brasil. Como, por exemplo, o *Miss Mulata Cheirosa* em Belém do Pará, que ocorre durante os festejos juninos; Concurso de beleza Afro de Campo Largo (de 2008), Paraná; Concursos de Miss do Renascença Clube (anos de 1960) no Rio de Janeiro, o qual Vera Lúcia Couto destacou-se nacionalmente ao ganhar o *Miss Guanabara* e ficar em segundo lugar no *Miss Brasil* de 1964; e do bloco *Ilê Ayê* da Bahia,

⁶ XAVIER, Giovana. *Branças de almas negras?: beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós- emancipação* (Estados Unidos, 1890-1930), Campinas. São Paulo: 2012.

⁷ SANT'ANNA. *Op. cit.*, 2014, p. 75.

⁸ NOVAIS, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Márcia (org.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 477.

⁹ OLIVEIRA. *Op. cit.*, 2010, p. 26

¹⁰ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2. ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

¹¹ Clube negro fundado no ano de 1920 e fechado em 2006, por ordem judicial, devido a um abaixo-assinado contra ele. Seu nome fazia referência a grupos indígenas, também discriminados na sociedade brasileira.

que há 36 anos escolhe uma rainha, representando o bloco no evento chamado *Noite da Beleza Negra*. Com esse mesmo nome, *Noite da Beleza Negra*, um concurso de beleza é realizado no Rio de Janeiro por uma escola de samba, um concurso específico de casais negros, exaltando a música e roupas africanas.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) de Abdias do Nascimento, também buscou elevar a auto estima da mulher negra por meio de concursos de beleza: o *Rainha das Mulatas* e *Boneca de Pixe*. Esses concursos tinham como objetivo tornar público o padrão estético negro, de forma a representar a mulher negra com características positivas. Nesse período, por volta de 1940, havia uma celebração da mulata, mas as mulheres brancas ainda eram hegemônicas na representação de beleza, e o negro estava incorporado na figura do mestiço. Nos dois concursos havia critérios para a participação de candidatas, como traços fenotípicos estabelecidos pelos dirigentes do TEN, além de formação intelectual.

No Rio Grande do Sul destaca-se o *Mais Bela Negra RS*, tem origem em Santa Cruz, e que em 2015 realizou seu 32º ano de concurso. O concurso tem desfile em traje social e traje africano; além da beleza, é avaliado também o conhecimento sobre cultura afro-brasileira. O concurso também tem uma versão masculina.

O primeiro *Miss Mulata*, abarcando apenas a região Sul do Estado, ocorreu em 1969, com a participação da cidade de Jaguarão, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Bagé, São José do Norte, Canguçu e Arroio Grande. A organização do concurso estabeleceu que a cidade ganhadora de cada ano seria responsável por receber a organização e realização do concurso no ano seguinte. Essa decisão seguiu até o ano de 1983, em que passou definitivamente a ser realizado na cidade de Arroio Grande, preservando, assim, a realização do certame.

Santa Vitória do Palmar foi a primeira vencedora do *Miss Mulata*, com Maria Loiraci de Ávila. Já a representante eleita de Arroio Grande foi Eva Nair Barros da Silva, também eleita "Simpatia Zona Sul".

O concurso teve início em âmbito de Zona Sul, ou seja, regional. Mas, a partir dos anos de 1988, passa a ser Estadual, e denominado *Miss Mulata Rio Grande do Sul*. O concurso era realizado em dois dias, e a maioria deles em novembro, no mês da *Consciência Negra*. Antes disso, cada cidade participante já havia escolhido suas candidatas, seja por meio de concurso ou não. Em Arroio Grande houve uma seleção até os primeiros anos da década de oitenta, depois eram convidadas pelo próprio Dé a representar a cidade, segundo as entrevistadas eram escolhidas "a dedo". Não havia idade estabelecida para participar, mas, geralmente, candidatas entre 17 anos e 25 anos.

No primeiro dia do concurso era oferecido um coquetel para apresentação das candidatas e jurados. Já nesse momento estavam sendo avaliadas no que tange ao comportamento. Assim como no dia seguinte era servido um almoço, em que o modo de comer e se comportar à mesa também eram avaliados.

O Dé chegava e nos dizia: "olha o teu comportamento! Te comporta!" Aí depois, sábado, teve um almoço lá no Gitão, o Dé do meu lado, e o Dé dizia assim: "não come demais!" Dizia: "Tu ta sendo avaliada!" "Senta na mesa com postura"¹².

Nesse segundo dia era realizado um ensaio, que faria parte da nota final de cada candidata. Depois elas eram levadas para o salão de beleza, onde seriam preparadas para o concurso. E, enfim, à noite eram apresentadas para o público, em que desfilavam primeiramente de maiô, depois o desfile de gala. Muitos desses vestidos foram bordados pelo próprio Dé. Após a premiação, que consistia na faixa, manto e coroa para a Miss Mulata eleita; também eram coroadas a primeira e segunda princesa, além da Miss simpatia. Também avaliadas pela beleza e comportamento. Segundo as candidatas, o prêmio era uma "lembrancinha", mas o que interessava mesmo era o título, era representar. Ao final era realizada uma comemoração, uma grande festa para o público que foi prestigiar o evento, junto aos organizadores e todas as participantes. O concurso era aberto a todos os públicos, seja brancos ou negros.

A presença de outros clubes negros aderindo a esse concurso também se deve destacar. Os clubes "Fica Aí para ir dizendo" da cidade de Pelotas teve uma eleita Miss Mulata Zona Sul no ano de 1981. E em 1984, segundo fontes de jornal, esse clube, junto com o clube "Chove e não Molha", também de Pelotas, tiveram presentes no Baile do Miss Mulata em Arroio Grande.

O concurso, durante seus 30 anos, teve uma variedade em suas programações. Nos anos iniciais havia desfile em traje típico, em que cada candidata desfilava representando sua cidade por meio dessa vestimenta. Algumas acabaram representando a cultura de imigrantes alemães ou italianos, o que chega a ser um paradoxo, diante da realidade negra e a identidade do Rio Grande do Sul. Em alguns anos houve apresentações artísticas com todas as candidatas juntas, como, por exemplo, coreografias de danças. Também eram realizadas sessões de fotos para a divulgação do evento: as candidatas tiravam fotos em frente a monumentos, plantas ou em casarões de pessoas abastadas da cidade. O desfile sobre carros foi tradicional durante todos os anos do certame, geralmente cada candidata em um carro, sobre o capô, desfilava pelas principais ruas e avenidas na cidade do evento.

O evento necessitava de muito dinheiro, mas sem ter muitos recursos, o *Miss Mulata* contava com as doações e serviços da população da cidade. A candidata de Arroio Grande, acompanhada pelo Dé, pedia colaborações, principalmente, em lojas. Eram doados o maiô, o vestido, o sapato e acessórios, muitos destes eram deixados com a candidata depois do concurso. A maquiagem e cabelo eram feitos por maquiadores e cabeleireiros voluntários. A prefeitura municipal disponibilizava somente o Ginásio e um carro à disposição da candidata. Mas, a partir de 1998, o concurso passou a perder alguns apoios, fazendo com que em 2000 tivesse uma representante da cidade, mas sem condições financeiras, não houve continuidade. Chegando ao fim o Miss Mulata.

¹² Lutiele Vieira Borges, Miss Mulata Rio Grande do Sul de 1998.

Por meio das entrevistas realizadas ficou clara a forte representação desse concurso para essas mulheres. Ao perguntar às candidatas entrevistadas o motivo que as levaram a participar do concurso, tem-se a questão de visualização e *status*; segundo elas, era um luxo, carro particular, cabeleireiro, manto, coroa e buquê de flores. Gerava a autoestima para estas. Colocando a beleza do cabelo crespo, da pele negra, suas representações de identidade em destaque.

Pra gente era uma maravilha, era o auge. Era um *status* a mais¹³.

Porque eu sempre gostei muito de desfilar [...] eu fui "Garota Swing", [...], "Senhorita Guarani", fui "Garota da Banda", fui "Mais Bela Estudante" [...] eu sempre gostei¹⁴.

Era o meu sonho, tem gente que tem o sonho de casar, de ser mãe, o meu era de ser *Miss Mulata*. E eu realizei¹⁵.

Valorizar meu potencial cultural, representando a beleza da mulher negra arroio-grandense diante da sociedade brasileira¹⁶.

Pode-se perceber a possibilidade de pensar nestes concursos femininos, em específico, como uma visualização do grupo através de suas mulheres, mas para uma visão fora do grupo.

"Perversos" para a metade dos entrevistados, "feios" para esmagadora maioria: não surpreende, pois, que este grupo se ocupe diligentemente, por um lado, de estar sempre conforme as convenções e, por outro lado, que direcione tempo e atenção a um exercício de conhecimento da atratividade dos valores estéticos de suas mulheres, como efetivamente parecem ter funcionado os concursos [...] É [...] objetivar o fortalecimento da autoconfiança e auto-estima do grupo [...]¹⁷.

O concurso era com base e avaliações de beleza e comportamento, muito provavelmente para descaracterizar os estigmas sobre a mulher negra, ideais estes que têm suas origens no período escravocrata, em que ocupava predominantemente o papel de escrava, sobre a qual estereótipos foram negativamente construídos, "[...] exploração sexual do seu corpo, que não lhe pertence pela própria lógica da escravidão"¹⁸. Um corpo concebido como meio de trabalho e objeto sexual. É o que se pode perceber no discurso de abertura

¹³ Katerine Bretanha, *Miss Mulata* Arroio Grande 1999.

¹⁴ Lutiele Vieira Borges, *Miss Mulata* Rio Grande do Sul 1998.

¹⁵ Joseane Balhego Luz, *Miss Mulata* Rio Grande do Sul 1992.

¹⁶ Maria Cláudia da Silva Abreu, *Miss Mulata* Arroio Grande 1987.

¹⁷ GIACOMINI. *Op. cit.*, 2006, p. 121.

¹⁸ *Ibid.*, p. 69.

do concurso no ano de 1998, apresentado pelo professor Paulo Sérgio Prestes, que também fazia parte da organização:

É um prazer contar com a presença brilhante de todos vocês! Nesta noite que mostraremos com fervor a beleza das mulatas gaúchas, desde já, agradecemos a cidades que estão participando do *Miss Mulata* Rio Grande do Sul, enaltecendo as bandeiras e os símbolos de seus municípios em prol de uma troca de experiências, mostrar a cultura, a amizade [...] e fazendo acontecer ainda mais que a raça negra é bonita, é cultura, força, fé e acima de tudo significado, pois a raça negra fez e faz história.

No caso do concurso, deve-se analisar a construção de estereótipos sobre a mulata e a mulher negra, e a apropriação do grupo em descaracterizar tais terminologias para falarem de si, mas ainda se deve analisar como isso se deu ao longo do *Miss Mulata*. Nesse, percebe-se claramente uma revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação, para uma reapropriação coletiva da sua própria identidade. Um modo de assegurar à mulher negra sua inclusão na categoria universalizada "bela".

Apesar de o concurso ter um caráter de visibilidade também para a sociedade branca, ele não silenciou, por parte da organização, as características negras de suas candidatas, não teve casos de embranquecimento, ou a obrigatoriedade de algum estilo de cabelo, pele ou qualquer outra característica. Afinal, a mulher negra, assim como a mulher branca, tem a liberdade de se representar como desejar, o que acontece, por vezes, é a negação devido à falta de representação na mídia, e a imposição de beleza branca. O cabelo crespo é um símbolo da identidade negra, um meio de luta para aceitação, beleza e identidade. Um simbolismo que tem suas origens na África, não como um atributo natural, mas social, estético e espiritual.¹⁹ Em Arroio Grande ser negra estava além da cor da pele, uma questão de descendência e autoidentificação, segundo entrevistas.

Outra característica importante sobre o concurso é a solidariedade, esta caracterizada como vínculo coletivo entre os indivíduos, dando voz à subjetividade, entendendo essa solidariedade racial como fundamento para uma identificação étnico-racial²⁰. As entrevistas revelam que candidatas foram arrumadas por mãos de suas concorrentes, não se percebe uma disputa acirrada, mas uma solidariedade, enquanto um objetivo em comum, um vínculo coletivo em oposição aos estereótipos atribuídos ao corpo negro.

Teve-se também o *Mini Miss Mulata*, um concurso mirim e feminino, não se tem dados exatos da duração dessa categoria. Sabe-se que as meninas eram convidadas a desfilar, e uma delas era eleita *Mini Miss Mulata*, esta

¹⁹ GOMES, Nilma Nilo. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

²⁰ PINTO, Nubia dos Reis. *Ascensão social negra: do branqueamento à solidariedade*. Dissertação de mestrado. Bahia: UFB, 2010.

acompanhava o desfile da vencedora no *Miss Mulata* adulto. O concurso mirim acontecia apenas em Arroio Grande com candidatas dessa cidade.

Percebe-se que a desconstrução proposta pelo concurso *Miss Mulata* se deu exatamente sobre a estética e o comportamento, pois são sobre esses que os estereótipos foram construídos para desmerecer o corpo negro. Por isso, esses são os principais critérios de avaliação, mais que avaliação, mas visualização e valorização.

Para este trabalho, também, considera-se o período em que o concurso teve origem. Em meados de 1960 passa-se a denunciar como mito a existência de uma “democracia racial” no Brasil. Já nos anos 1970, o Movimento Negro Unificado lutou contra a discriminação racial e o sistema político vigente, a Ditadura Militar, buscando a redemocratização, período que não se admitia falar e denunciar o racismo, este era silenciado. Os movimentos negros foram denunciados como impatrióticos. Os militares se utilizaram do mito da democracia racial para suprimir a luta antirracista.

Nos anos de 1970 foi proposta por certos militantes a construção de uma democracia plurirracial, um mundo afro-brasileiro, com destaque para Abdias do Nascimento.

Sob a influência dos movimentos negros americanos, eles tentam dar uma redefinição do negro e do conteúdo da negritude no sentido de incluir neles não apenas as pessoas fenotipicamente negras, mas também e, sobretudo os mestiços descendentes de negros, mesmo aqueles que a ideologia do branqueamento já teria roubado²¹.

211

É nesse período que surge o Bloco *Ilê Ayê* na Bahia, este inicialmente tinha o intuito de se chamar *Black Power*, mas achou mais seguro mudar o nome, devido às opressões sobre os grupos negros. Então utilizou uma linguagem Yorubá para se denominar sem se identificar explicitamente, e conhecidamente, com a cultura negra. Por isso, a palavra *negro* era uma afirmação perigosa, sendo preciso nomenclaturas mais aceitas, como *mulata*.

Enfim, sobre o concurso:

Nesse contexto, podemos localizar a possibilidade da luta ideológica. Uma cadeia ideológica particular se torna um local de luta não apenas quando as pessoas tentam deslocá-la, rompê-la ou contestá-la, suplantando-a por um conjunto inteiramente novo de termos, mas também quando interrompem o campo ideológico e tentam transformar seus significados pela modificação ou rearticulação de suas associações, passando, por exemplo, do negativo para o positivo²².

²¹ MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 116.

²² HALL. *Op. cit.*, 2013, p. 213.

Para algumas candidatas entrevistadas a terminologia *mulata* se referia à mistura de negros e brancos, e muitas delas tinham pais ou mães brancas. Também tem as que hoje se denominam negras, e já não concordam mais na utilização da terminologia, mas afirmam a importância do concurso como uma referência contra o preconceito.

Segundo Katerine, se o concurso existisse hoje, ela não poderia participar, pois ela é negra: "nome era *Miss Mulata*, mas eu sou negra, meu pai e minha mãe são negros!" (*Miss Mulata* Arroio Grande 1999). Mas essa autodenominação é variável entre as entrevistadas, as descendentes de uma mistura racial em parte se identificam mulatas, outras, ainda assim, denominam-se negras. Um processo de autoconstituição da identificação, sem relações rígidas de pertença a determinado grupo²³.

Mas não havia unanimidade sobre o que era ser uma mulata. Cátia Ávila da Silva, *Miss Simpatia* Rio Grande do Sul em 1988, e candidata de Arroio Grande, disse que havia meninas mais negras do que ela, e que algumas eram brancas, mas eram poucas que queriam participar. Percebem-se as contradições que envolvem o imaginário da cor no dito país da miscigenação, que ao mesmo tempo em que diz unir, também separa. Havia discussões sobre a cor das candidatas, se muito clara ou escura, pois, segundo Maria Cláudia, "Tinha que ser aquela mistura de negro com branco"²⁴.

212

A branquitude no processo de exclusão da mulher negra nos conceitos de beleza

A terminologia *raça* passa a ser utilizada na classificação humana no contato com o desconhecido, o "outro", no período de descobertas do século XV. No século seguinte se tem, por parte de cristãos ocidentais, o negro como significado de derrota e pecado. Prevaecem a repulsa aos povos de cor, diferentes do padrão estético e dos valores da civilização europeia²⁵. As classificações são arbitrárias, assim como as representações, para um intuito de diferenciação e poder, buscando legitimação no biológico.

Podemos observar que o conceito de *raça* tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação²⁶.

²³ COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

²⁴ Maria Cláudia da Silva Abreu, *Miss Mulata* Arroio Grande 1987.

²⁵ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

²⁶ MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de *raça*, racismo, identidade e etnia. In: Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-Penesb-RJ, 5/11/2003, p. 6.

É clássico na colonização o binarismo branco/negro, ou seja, a raça denominada pela cor. Os estudos raciais dos séculos XIX e XX acrescentam outras características fenotípicas para classificação, como nariz, olhos, cabelos, entre outras. O preconceito no Brasil se concretiza basicamente na cor da pele, mas é importante destacar que, no caso da população negra, esse corpo tem marcas históricas, de um passado já marcado pela escravidão, e reforçado por estigmas, levando ao racismo. “‘Cor’ é, no Brasil, primitivamente, uma construção racialista, que se estrutura em torno de uma ideologia bastante peculiar”²⁷.

É durante o século XIX que raça vai ganhar um caráter científico no Brasil pelas influências de modelos europeus como o evolucionismo, na busca de progresso e civilidade condenando o mestiço a uma degeneração; e o social-darwinismo, em uma hierarquização social pela raça.

O cruzamento de ideias darwinistas e poligenistas em foco na raça desembocou no entendimento de que, embora whites e Negros compartilhassem um ancestral comum, seus processos de evolução eram tão desiguais que, na prática, poderiam mesmo ser considerados duas espécies²⁸.

É relevante, também ressaltar sobre as categorias humanas denominadas por cor, ou seja, branco, negro, amarelo, ou mestiço, é a manipulação do biológico pelo ideológico, a diferença passa para o visível²⁹.

No Brasil predomina o *colorismo*, ou seja, uma discriminação pela cor da pele, uma ideologia racial que privilegia a pele clara em detrimento da escura em sociedades racistas pós-coloniais. Quanto mais escura a cor da pele, maior o preconceito, vai além da raça, mesmo que uma pessoa se reconheça negra; nesse caso, a cor vai decidir o tratamento que terá da sociedade, o visível.

Então, racismo passa a ser “uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”³⁰. Esse mundo branco é naturalizado como normativo, fazendo com que os negros sejam racializados, ao contrário dos brancos.

E o uso da terminologia *mulata* carrega a violência das relações raciais, “nela estão imersas referências à crença na inferioridade ‘biológica’ do negro, ao ideal do branqueamento e ao mito da democracia racial”³¹.

Representada no “mito da democracia racial”, da herança escravagista e da mulher como objeto sexual. Vista em um âmbito de erotização do corpo feminino que se vai persistir, por parte da elite branca, na invenção da mulata, junto ao samba, carnaval e sexo. Originando um conflito maior ainda sobre a

²⁷ GUIMARÃES. *Op. cit.*, 2012, p. 101.

²⁸ XAVIER. *Op. cit.*, 2012, p. 51.

²⁹ MUNANGA. *Op. cit.*, 2008.

³⁰ MUNANGA. *Op. cit.*, 2003, p. 8.

³¹ GOMES. *Op. cit.*, 2008. p. 256.

mulher negra, pois são seus símbolos de identidade que estão estereotipados, e excluídos de conceitos sociais, culturais e de beleza. O que origina complexo de inferioridade, mudanças radicais e violentas na estética, rejeição do próprio corpo e baixa autoestima.

A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade³².

É sobre o corpo e a estética que se deu o processo da branquitude, criando um padrão preferencial sobre a cor da pele, o formato do nariz e a cor do cabelo. A branquitude é o fenômeno da supervalorização do branco, uma posição de poder, característica de países colonizados pelos europeus, em um ideal eurocêntrico³³.

Além da branquitude, houve na história do país o ideal de embranquecimento da sociedade, em que se utilizou da política de imigração europeia, aplicada intensivamente no Rio Grande do Sul.

Muitos intelectuais passaram a postular que o progresso e a civilização do país passariam pelo embranquecimento da população, visto que as características físicas seriam um reflexo moral dos indivíduos. O fenótipo não branco representava, na visão de intelectuais comprometidos com o projeto das elites, a selvageria e o barbarismo presentes na sociedade brasileira, logo, um retrocesso à modernidade³⁴.

214

Dentre os intelectuais pode-se destacar Oliveira Vianna nos anos de 1930, como legítimo defensor do branqueamento. Afirmava que o índio e o negro são raças bárbaras, só se fazem civilizados quando cruzados com o branco, e assim mesmo deve-se prevalecer o tipo branco. Têm-se também Thales de Azevedo nos anos de 1950 que defende o branqueamento e a democracia racial, acreditando que não havia barreiras na ascensão social pela cor.

Ser branco está no corpo, no visível, mas, também, consiste em privilégios simbólicos e materiais, "no Brasil ser branco está ligado à aparência, ao *status* e ao fenótipo"³⁵.

O fato de os estereótipos negativos estarem diretamente associados à cor e a raça negra fez também que os brasileiros mestiços e grande parte da população com ascendência africana, de maneira geral, não se classificassem como negros

³² MUNANGA. *Op. cit.*, 2012, p. 19.

³³ SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

³⁴ PINTO. *Op. cit.*, 2010, p. 35.

³⁵ SCHUCMAN, Lia Vainer. *Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana*. Psicologia e sociedade, 26(1), 2014, 83-94, p. 84.

[...] o que ajudou para que permanecessem intactas todas as estereotipias e representações dos negros³⁶.

A branquitude também opera nas relações de gênero, colocando a beleza como essência feminina, e para os homens uma questão de *status*; no comportamento sexual, há uma erotização da mulher negra, enquanto mulheres brancas são presas à castidade; e econômica social, o branco ligado ao dinheiro e à beleza, e o negro ligado à pobreza e à favela.

Então, todas essas construções se deram por meio da racialização de gênero e beleza, construções binárias, branco/preto; bonito/feio; bom/mau, uma forma de diferenciar biológica e hierarquicamente, legitimando um poder sobre o "outro". Com isso, é pela brancura da pele que historicamente se constituiu a branquitude.

A branquitude não equivale à negritude, são conceitos distintos. A negritude foi uma reação contra esta normativa branca. "Conceber a branquitude como espelho da negritude pressupõe uma ficção de igualdade social: eu me valorizo, como você se valoriza. O valor da branquitude se realiza na desvalorização do ser negro"³⁷.

Com isso, percebe-se o corpo como meio visível de reconstruções simbólicas, nesse caso sobre o corpo negro, historicamente construído como feio e mal. O físico só tem um sentido por meio histórico; não existe uma significação natural antes ou fora das relações sociais. O corpo não é neutro, é sempre um signo ao qual se atribui significado³⁸.

215

Considerações finais

A questão central desta pesquisa é o sentido da terminologia *Mulata* utilizada para nomear o concurso de beleza. Mas, no decorrer do trabalho percebeu-se que não há um sentido único para tal denominação, levando em conta os 30 anos de concurso, e a variedade de significados atribuídos à *mulata* e a autodenominação do idealizador do concurso e das Misses. O que se pode afirmar, pelas entrevistas feitas, é que a valorização e autoestima das mulheres negras foram de fato sentidas. E que se deve levar como relevante o período histórico desde o surgimento do certame até os dias atuais em que foram realizadas as entrevistas. Ou seja, a visão sobre o passado é influenciada pelas colocações e experiências do presente. Apesar de o concurso buscar uma visualização para fora do grupo, busca estabelecer uma ligação com os seus, ou seja, uma autovalorização. E essa vai além da beleza estética do visível, mas uma valorização, um orgulho, moral e social, meios esses em que também perpassa o racismo.

³⁶ SCHUCMAN. *Op. cit.*, 2014, p. 44.

³⁷ SOVIK. *Op. cit.*, 2009, p. 55.

³⁸ COSTA. *Op. cit.*, 2006.

É nesse contexto e realidade que surge o *Miss Mulata* em Arroio Grande. Um projeto idealizado por um negro mestiço, pois Dé se reconhece como negro, mas reconhece também sua mestiçagem. O que a pesquisa mostrou foi a relevância da autodesignação, ou seja, o sentido individual sobre si mesmo. E mais, a possibilidade de ressignificar.

Os signos possuem significados, mas estes não são fixos, e, por isso, podem receber um novo significado, seja coletivo ou individual. A terminologia *mulata* foi sendo percebida e transformada. Os grupos de mulheres negras, em sua maioria, não se reconhecem mais como mulatas pelo seu significado pejorativo. Um significado com origem no sistema escravocrata, voltado às questões sexuais. E é exatamente por isso que o concurso também existiu, para reverter o sentido, para positivar a mulher negra e mestiça.

Afinal, as terminologias adotadas referem-se às trajetórias e identidades, e fazem parte desse protagonismo negro de tomada de seus sentidos e história. É importante dizer que o concurso também mostra sua diversidade. A beleza negra não é homogênea, única. Busca a valorização de seus símbolos de identidade enquanto negros, como cor da pele e cabelos, uma linguagem social para dignificar sua luta, um meio de expressão.

Então, o grupo negro foi dividido, e degenerado pelo sistema racista com a terminologia mulata. E o *Miss Mulata*, por sua vez, buscou valorizar a negritude com a denominação referente ao mestiço, que é negativado por suas características negras. O concurso *Miss Mulata* significou valorização e visualização para mulheres negras arroio-grandense, um reconhecimento de beleza e negritude, de sonhos e realidade.

216

Sobre a autora

Beatriz Floôr Quadrado é mestrandia em História na Universidade Federal de Pelotas (PPGH/UFPel), graduada em História (licenciatura) na UFPel e especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Unipampa. E-mail: biafloor89@gmail.com

Artigo recebido em 29 de janeiro de 2016.

Aprovado em 29 de julho de 2016.